



O QUE CABE DENTRO DE UMA CABAÇA? A MEDIAÇÃO CULTURAL DE XIGUTSA XA VUTOMI NA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Aline Rosa de Abreu¹

Bruna Vitória de Souza²

Cristiane Fernandes Costa³

Paloma Ariely de Paula Santos Dias⁴

Xigutsa xa vutomi, que em língua Changana significa Cabaça da Vida, é o título de uma seção inaugurada na décima quinta edição do Boletim Informativo Abiodum, produzido e publicado por bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) de Pedagogia – UFSC, o qual atualmente conta com vinte e duas publicações. A língua Changana é um grupo linguístico que inclui três línguas faladas principalmente nas três províncias moçambicanas do sul do Save (Inhambane, Gaza e Maputo), nomeadamente: Rhonga, Changana ou Tsonga e Tshwa (Ngunga; Simbine, 2012). Esta seção intitulada *Xigutsa xa vutomi*, a *Cabaça da Vida* tem como objetivo apresentar ao público um conjunto diverso de produções artísticas e culturais, como filmes, curtas, documentários, músicas, podcasts, teatros, livros teóricos, de literatura infantil e infantojuvenil com temática africana, afro-brasileira e indígena, em consonância com o cumprimento das leis 10.639/03 e 11.645/08, e sobretudo com o tema central do Boletim que é a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Acreditamos na potência da arte e da literatura para a formação humana, para a valorização das diferenças e fortalecimento da luta antirracista. Portanto, *Xigutsa xa vutomi*, a *Cabaça da Vida* é parte essencial do Abiodum.

A seção *Cabaça da Vida* foi inaugurada no ano de 2020 na décima quinta edição, v.15 n.2 do Boletim Informativo Abiodum, desde então, foram publicadas oito edições, sendo dois volumes publicados anualmente e um em 2024. Nos quais, foram compartilhados uma série de 28

¹ Aline Rosa de Abreu, graduada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina e ex-bolsista do PET Pedagogia.

² Bruna Vitória de Souza, graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do PET Pedagogia.

³ Cristiane Fernandes Costa, graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do PET Pedagogia.

⁴ Paloma Ariely de Paula Santos Dias, graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do PET Pedagogia.



livros, 14 filmes e documentários, 16 músicas, 2 episódios de podcasts e 1 peça de teatro. Somando assim, um acervo de mais de 60 produções artísticas e culturais.

A indicação de produções artísticas e culturais com temática africana, afro-brasileira e indígena, compondo uma seção do Boletim Abiodum, surge a partir do entendimento do grupo da importância da arte e da literatura como uma manifestação cultural potente para o reconhecimento e representação de identidades plurais, bem como para o combate a todos os tipos de preconceitos. O acesso a produções que contemplem a diversidade étnica e cultural existente e em que pessoas negras e indígenas protagonizam suas histórias é de suma importância para crianças e adolescentes desenvolverem uma visão mais ampla e inclusiva da sociedade em que vivem.

A escolha destas produções para divulgação é feita de forma criteriosa a partir de pesquisas e debates do grupo sobre a qualidade estética e o conteúdo das produções. Prioriza-se as narrativas que representam a diversidade étnico-cultural positivamente, que promovam o respeito à diferença e a desconstrução de estereótipos disseminados pelas mídias hegemônicas ou corporativas, possibilitando desta forma que o público de variadas idades se reconheçam em histórias, músicas e referências que suscitem o pertencimento e contribuem para a construção afirmativa de suas identidades e, além disso, propiciam a todos o reconhecimento da riqueza do patrimônio cultural dos povos indígenas, africanos e afrobrasileiros e sua contribuição para a cultura brasileira em toda sua pluralidade.

A disseminação de produções com as referidas temáticas — como livros, filmes, documentários, músicas, podcasts e outras expressões artísticas — é fundamental para que professores/as possam constituir seus repertórios incorporando-as de maneira sistemática em suas práticas, promovendo assim uma educação antirracista e inclusiva, o que exige essencialmente a valorização das culturas africanas, afro-brasileira e indígenas. E de modo geral, também é importante para todas e todos os leitores do Boletim Abiodum.

A literatura, assim como toda forma de arte, se apresenta aqui como ferramenta de educação e resistência. A proposta desta seção, é possibilitar o contato com uma cultura contra-hegemônica e formadora, que se apresenta como alternativa necessária a cultura comercial que reprime e esconde a vivência daqueles que se encontram subalternizados ou esquecidos, num país de formação escravista, colonial e de cultura eurocêntrica, onde, sem o movimento e contato de



docentes e discentes com esses importantes elementos, leis como a 10.639/03 e 11.645/08, tornam-se incapazes e ineficientes de trazer respeito e valorização a cultura africana, afrodescendente e indígena que compõem a diversidade étnica e cultural, restringindo o horizonte de conhecimentos disponíveis à educação de crianças, jovens e adultos.

Sem o conhecimento e reconhecimento de produções artísticas e culturais que positivam, educam e valorizam as relações e diferenças étnico raciais, deixa-se de explorar formas de promover a quebra de estereótipos e preconceitos, perpetuando a lógica da branquitude, a qual tomamos como base os estudos de Cida Bento (2022, p. 106), que expõe que o diferente é definido a partir da comparação com o branco, considerado uma referência de “universal” e tudo que se afasta dessa referência, pode ser considerado inapropriado, provocando exclusão e discriminação. Essencialmente, escapa das mãos das e dos indivíduos, e em especial de educadores/as, a possibilidade de despertar o pensamento crítico e criativo capaz de romper com a alienação colonial, que enrijece o pensamento de muitos, e apaga, invisibilizando a história, a identidade e a vida de tantas pessoas, embranquecendo as referências que temos acesso ao longo da vida, e fortalecendo o poder da branquitude através de uma história única, uma história que os coloca no centro do mundo, na qual, como afirma Chimamanda:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (Adichie, 2020, p.12).

Dessa forma, a importância de produções como a literatura, a música, o teatro e filmes para a formação humana deve ser evidenciada, pois quais histórias iremos divulgar, quais estéticas serão referenciadas nessas histórias, quem está sendo retratado e de que forma? Quem as conta? Este é nosso principal objetivo com a seção *Cabaça da vida* e o compartilhamento de produções com as temáticas africana, afro-brasileira e indígena. A arte nos apresenta diferentes perspectivas, ampliando nossos horizontes, nos levando para um outro tempo, para outros lugares, acessando sentimentos que antes nem sequer poderiam ser imaginados. Assim, é urgente rompermos com a cultura hegemônica eurocêntrica, branca e com a história única (Adichie, 2020). Por isso, acreditamos que de modo especial, a literatura, como o tipo de obra mais difundida nesta seção, é como uma fenda que nos permite enxergar além do que nos é



oferecido cotidianamente, ao mesmo tempo que nos fornece novas concepções despertando nosso olhar crítico, criativo e (re)criador para o cotidiano.

O incentivo à ampliação do repertório artístico-cultural contribui imprescindivelmente para uma educação das sensibilidades capaz de adentrar a existência e ver, rever e transver o mundo. Ao mesmo tempo em que a arte está circunscrita em um dado momento histórico e dessa maneira reflete a realidade, ela também tem o poder de provocar rupturas significativas nessa mesma realidade. A inventividade própria das produções artísticas é um convite para sobrepujar a realidade e dar uma outra forma ao que parece imutável, a arte favorece a mudança desde um aspecto micropolítico como o manejo do insistente sofrimento psíquico que a população negra vive em decorrência do racismo estrutural, conhecido como *banzo* (Moura, 2004); bem como promove impactos a níveis macro políticos, como o reconhecimento e valorização da memória e resistência dos diversos povos indígenas. Acreditamos, em diálogo com Ana Mae Barbosa (s/d) citada por Pivato e Bacocina (2012), que

(...) através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como uma linguagem representacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursivas e científicas (Barbosa, s/d apud Pivato e Bacocina, 2012, p. 08).

Por fim, gostaríamos de indagar, o que cabe dentro de uma cabaça? Cabem chaves que abrem caminhos? Além de “Cabaça da Vida”, é possível traduzir o título desta seção de divulgação *Xigutsa xa vutomi* como “a chave da vida”, uma interpretação que também nos faz muito sentido, pois através dela, temos a oportunidade de divulgar, ofertando chaves para o acesso a diferentes culturas, conhecimentos, símbolos, entre tantos outros elementos que anunciam mundos, expressando o indizível e alimentando a dimensão poética da vida, e que fazem parte da construção de nossas identidades enquanto indivíduos sociais. A arte e a cultura, longe de serem um mero entretenimento, tem o poder de nos humanizar e abrir portas.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2020. Disponível em:

<https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf>. Acesso em: 08 de maio de 2025.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BENTO, Cida. **O Pacto Da Branquitude**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2022, p. 106.

COSTA, S. da R.; PEREIRA, S. da S.; DIAS, L. R.. **LITERATURA INFANTIL E REFLEXÕES ANTI RACISTAS NO COTIDIANO DA PRIMEIRA INFÂNCIA**.

Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. I.], v. 14, n 39, p. 125-139, 2022. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1384>>. Acesso em: 08 de maio de 2025.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2004.

NGUNGA, Arminda; SIMBINE, Madalena Citia. **Gramática Descritiva da Língua Changana**. Amazonas: CEA/UEM, 2012.

PEREIRA, Sara da Silva. **A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças**: “eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!”. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

PIVATO, Cristina Gualberto; BACOCINA, Eliane Aparecida. **ARTE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: UM DIÁLOGO ENTRE O DOCUMENTÁRIO “LIXO EXTRAORDINÁRIO” E O PROJETO “JANELA ABERTA”**. São Paulo: USP, 2012.